



Construções com tema marcado e máximas conversacionais no desenvolvimento de tópicos discursivos

Marked Theme Constructions and Conversational Maxims in the Development of Discourse Topics

Vanessa Hagemeyer Burgo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul / Brasil

vanessahburgo@hotmail.com

Carmen Lucia Milito Douran

Prefeitura Municipal de São José dos Campos, São José dos Campos, São Paulo / Brasil
cadouran@yahoo.com.br

Letícia Jovelina Storto

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Cornélio Procópio, Paraná / Brasil
leticiajstorto@gmail.com

Resumo: Este estudo busca analisar o modo como os interlocutores desenvolvem os tópicos discursivos por meio de construções com tema marcado, observando o papel das máximas conversacionais na organização dos assuntos. O arcabouço teórico está fundamentado nos conceitos da Análise da Conversação, e o *corpus* é formado de uma entrevista com o Governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin, exibida no programa *De frente com Gabi*, transmitida pelo Sistema Brasileiro de Televisão – SBT. Trata-se de estratégias eficientes na progressão temática e que contribuem para assinalar a aceitação ou recusa de determinados tópicos por parte dos falantes e seus objetivos.

Palavras-chave: tópico discursivo; tema marcado; máximas conversacionais.

Abstract: This study aims at analysing how interlocutors develop discourse topics by means of marked theme constructions, observing the role of conversational maxims in the organization of subjects. The theoretical framework is based on the concepts of Conversation Analysis, and the *corpus* consists of an interview given by the Governor of São Paulo Geraldo Alckmin on the talk show *De frente com Gabi*, aired by SBT, a Brazilian television broadcasting channel. Those devices constitute efficient strategies towards thematic progression, and they contribute to point out speakers' acceptance or refusal of certain topics as well as their objectives.

Keywords: discourse topic; marked theme; conversational maxims.

1 Introdução

Todo evento comunicativo depende da situação de comunicação contextualizada e do acordo tácito entre os interlocutores. Na situação de comunicação, situam-se o espaço físico, a intenção comunicativa, as restrições (o que pode ou não ser dito), o gênero do evento, a identidade dos interlocutores, seus papéis sociais e o lugar de poder que ocupam no contrato comunicativo. No acordo entre os interlocutores, estão presentes os conhecimentos partilhados, os interesses negociados de acordo com o objetivo da interação e a atitude colaborativa dos participantes, a qual deve ser favorável ao desenvolvimento e à sustentação do evento.

Considerado o tópico como aquilo acerca do que se fala ou se escreve (BROWN; YULE, 1983, p. 73), e o elemento condutor do evento conversacional (já que o diálogo constitui-se nos e pelos tópicos que são eleitos), procuramos, neste trabalho, evidenciar as construções com tema marcado, observando o papel das máximas conversacionais na organização dos assuntos. O *corpus* desta pesquisa é composto por uma entrevista concedida pelo Governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin à jornalista Marília Gabriela em seu programa *De frente com Gabi*, transmitido pela emissora de televisão SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), em 30 de novembro de 2011. Os dados, de caráter empírico, foram amparados pelos conceitos da Análise da Conversação, e a entrevista foi transcrita conforme as normas sugeridas por Preti (2010, p. 13-14).

Em função de os tópicos serem negociados em tempo real nesse tipo de entrevista, os participantes tendem a assumir atitudes de cooperação. Segundo a teoria do Princípio de Cooperação (ou Princípio Cooperativo), elaborada por Grice (1982), no diálogo, as pessoas fazem

esforços cooperativos no intuito de tornarem a comunicação efetiva, reconhecendo nela um ou mais propósitos comuns. Dessa forma, os interlocutores investem em uma conversação, agem de acordo com suas intenções, buscando construir um evento comunicativo em que a cooperação está implícita, pois ela é necessária para que o evento se constitua de fato.

2 Tópico Discursivo

Conforme Marcuschi (2007, p. 77), o tópico constitui-se como unidade discursiva fundamental que institui o evento conversacional, pois ele é visto como “sobre o que se conversa”. De acordo com o autor: “só se estabelece e se mantém uma conversação se existe algo sobre o que conversar, nem que seja sobre futilidades ou sobre o tempo, e se isto é conversado. É a isto que se refere Goffman quando sugere que uma conversação é uma *interação centrada*”.

A conversação implica uma construção colaborativa entre os participantes cujo desenvolvimento se dá com base na troca de turnos entre pelo menos dois falantes, estando estes voltados para um mesmo assunto, ou seja, o tópico discursivo. No texto falado, a delimitação dos tópicos não se dá de forma estática como no texto escrito, em que é possível circunscrevê-los à frase ou a um conjunto de frases justapostas. No contato face a face, de acordo com Burgo e Ferreira (2011, p. 368), “o falante partilha do mesmo assunto e do mesmo ambiente de conversação no qual está inserido o ouvinte, e, assim, é capaz de monitorar o efeito de sua enunciação”.

Nem sempre há marcas explícitas que identificam o tópico, mas ele se encontra subentendido entre os interlocutores participantes do evento comunicativo.

Quando isso ocorre, verifica-se que o referencial não se encontra no texto, mas no contexto situacional e, neste caso, as unidades lingüísticas referem-se sistematicamente a traços do mundo extralingüístico. Esses traços incluem não só a situação imediata onde as unidades são utilizadas, como também o conhecimento por parte dos interlocutores sobre o que foi dito anteriormente e sobre quaisquer crenças externas relevantes. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 40).

Assim, a coerência e a coesão do texto falado não se restringem simplesmente às marcas linguísticas e discursivas presentes na superfície do texto, mas na relação entre os referentes, em função da articulação dos conhecimentos partilhados e de acordo com o contexto da interação, conforme afirma Jubran (2006, p. 90):

O tópico decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimentos recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam.

O tópico apresenta três propriedades fundamentais: a *centração* (ou *focalização*), a *organicidade* e a *segmentação* (KOCH, 2006; MARCUSCHI, 2007; GALEMBECK, 2012).

A primeira diz respeito ao foco em um determinado tema, de modo que se mantenha a coerência do texto (falado ou escrito), ou seja, está relacionada à ideia de unidade. Consideramos os pressupostos de Koch e Travaglia (1999, p. 8) a respeito de “texto”:

[...] uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão.

A segunda, por sua vez, relaciona-se à organização tópica do texto falado, a qual se desenvolve em dois níveis interligados: o linear (horizontal) e o hierárquico (vertical) (KOCH, 2006; MARCUSCHI, 2007). No plano linear, está indicada a relação entre os tópicos na linha discursiva, em sua linearidade. Por meio desse plano, o qual apresenta a progressão tópica, é possível compreender a noção de continuidade, quando existe uma organização sequencial dos tópicos, e de descontinuidade, quando não existe essa organização, de modo que a sequência tópica seja perturbada (GALEMBECK, 2012). Já no plano hierárquico, de acordo com o autor, são apresentadas as relações de interdependência entre o supertópico, o tópico e os possíveis subtópicos.

Nesse plano, ocorre a especificação do assunto em pauta de acordo com as necessidades e as intenções dos interlocutores (GALEMBECK, 2012, p. 101).

A terceira consiste, segundo o autor, na “delimitação dos vários segmentos ou porções tópicas, intuitivamente identificadas pelos falantes, na medida em que há na fala marcas desta delimitação tópica, mas que nem sempre constituem um critério absoluto, pois são facultativos, multifuncionais” (GALEMBECK, 2012, p. 101).

Se, nas interações espontâneas, os interlocutores encontram-se presumivelmente em pé de igualdade quanto à construção do quadro tópico – ou seja, ambos podem orientar a conversa para os tópicos que desejam desenvolver – na entrevista, por ser caracterizadamente um evento marcado pela hierarquia entre os papéis conversacionais do entrevistador e entrevistado, não ocorre o mesmo. Nela, o entrevistador assume o papel de gestor do evento comunicativo, fazendo uma série de intervenções de caráter referencial com o objetivo de orientar o diálogo para o quadro tópico que pretende desenvolver.

Assim, as perguntas e asserções do entrevistador têm o papel de monitorar a ação tópica para atender à pauta planejada visando à contribuição colaborativa do entrevistado, cuja participação se restringe, teoricamente, ao assentimento dos tópicos propostos.

2.1 Quadro tópico

Os quadros tópicos são formados pela interdependência das relações que se formam no plano hierárquico de organização. Segundo Jubran (2006, p. 96-97), eles são caracterizados por duas condições necessárias (a e b) e uma possível (c), as quais transcrevemos na íntegra abaixo, excetuando-se os exemplos dados pela própria autora:

- a) centração num tópico mais abrangente (supertópico – ST), que recobre e delimita a porção do texto em que ele é focal.
- b) divisão interna desse ST em tópicos co-constituintes (subtópicos – SbTs), situados numa mesma camada de organização tópica, na medida em que apresentam o mesmo teor de concernência relativamente ao ST que lhes é comum.

- c) subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituente, de modo que um SbT de um ST superior a ele passa a ser um ST em relação aos tópicos que o integram (SbTs), constituindo, com eles, um QT de nível inferior na hierarquia tópica.

Vale ressaltar que, tendo em vista a possibilidade de subordinações contínuas no quadro tópico, há de se observar o nível de hierarquia que se pretende recortar para análise, dado que um subtópico poderá ser eleito pelo(s) falante(s) para exercer a função de um supertópico na cadeia sucessória formando, assim, outro quadro tópico.

2.2 Ruptura, fechamento e movimentação do tópico

A ruptura do tópico pode ocorrer por motivos alheios à interação, como, por exemplo, pelas interrupções advindas de ruídos externos ou pela introdução de novos participantes na interação, repercutindo, assim, na mudança de centração do quadro tópico. Também ocorre por motivos relativos à interação, ou seja, um dos interlocutores introduz um novo tópico, não dando chance para que o tópico em pauta seja desenvolvido.

Já o fechamento tópico pode ocorrer pelo esvaziamento do conjunto de referentes em andamento ou pode ser desencadeado pela manifestação de um dos interlocutores por não desejar mais prosseguir. O fechamento pode ser anunciado de forma explícita, por intermédio de marcadores como *enfim*, *quer dizer* seguidos de declaração conclusiva, por marcas implícitas (como pausas prolongadas), entonações descendentes ou por marcadores que têm a função de finalizar o tópico e, ao mesmo tempo, buscar a aprovação do ouvinte, como *não é?*, *né?*, *sabe?*.

Em relação aos procedimentos que sinalizam a movimentação tópica, além dos recursos citados acima, cuja recorrência incide principalmente no fechamento do tópico, alguns movimentos sinalizam a orientação para a projeção de outro foco temático sobre o qual se vai falar em seguida. Esses movimentos são descritos por Jubran (2006, p. 113-118) como tematização, paráfrases, repetições, hesitações, e constituem-se em recursos que podem contribuir para introduzir, retomar, manter ou delimitar tópicos.

3 Tematização

A tematização é caracterizada por Halliday (1994) como o processo de mudança de elementos da frase para a posição inicial, acrescida de quaisquer alterações gramaticais dentro de uma frase causadas por essa movimentação. A tematização ocorre com bastante frequência em textos falados e consiste na inversão da sequência direta dos constituintes de um enunciado. Assim, um dos elementos é deslocado à esquerda, ou seja, para o início da construção do enunciado, orientando o foco temático, conforme afirma Jubran (2006, p. 113):

Temos nesse caso, construções com tema marcado, que têm a função precípua de colocar em foco um tópico a ser introduzido ou desenvolvido, anunciando previamente a centração do próximo segmento no discurso. Desse modo, a tematização tem um desempenho textual, como motivações interacionais de indicar ao interlocutor o foco sobre o qual recairá a conversa.

Nesse tipo de construção, o elemento constituinte assume posição independente em relação à construção sintática oracional, e pode ser retomado ou não no interior do enunciado pela sua repetição ou por meio de um pronome-cópia.

Os efeitos de sentido produzidos num texto podem estar relacionados a muitos recursos linguísticos, paralinguísticos e prosódicos. Dentre os recursos linguísticos, encontram-se as variáveis relacionadas à possibilidade de escolha da ordem dos elementos constituintes dos enunciados.

Na abordagem da articulação tema-remática, associada às noções de dado e novo, destacamos as construções com tema marcado em que um dos elementos do enunciado é deslocado à esquerda, isto é, sai de sua posição na sequência da estrutura sintática oracional canônica. Nas construções com tema marcado, verifica-se a intenção do interlocutor em anunciar, antecipadamente, o enfoque temático que se pretende dar na continuidade do fluxo conversacional, a qual pode ser justificada por diversos motivos conforme afirma Koch (2006, p. 372-373):

o elemento tematizado desempenha papel relevante no processamento pragmático-cognitivo do sentido, na medida em que essa forma de organização é determinada quer por

questões ligadas à continuidade ou mudança de tópico, quer por fatores como facilitação do processamento do texto, interesse, relevância, expressividade, necessidade de se ganhar tempo para o planejamento da parte restante do enunciado, entre outros.

A autora subdivide as construções com tematização em três (KOCH, 2006, p. 361-362): construções com tema marcado introduzidas por expressões, construções com tema marcado com elementos de retomada e construções com tema marcado sem retomadas pronominais, as quais serão abordadas na análise dos dados deste trabalho.

4 Máximas Conversacionais

Em “Lógica e conversação”, publicado originalmente no Brasil em 1975, o filósofo inglês Herbert Paul Grice apresentou *O Princípio da Cooperação*, qual seja: “faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que está engajado” (1982, p. 82).

De acordo com esse princípio, espera-se que as intervenções de cada interlocutor tenham pertinência em relação ao tópico em andamento. Assim, numa interação há um acordo tácito entre os interlocutores, visando à compreensão e interpretabilidade dos eventos de fala e um interesse comum partilhado que promovem a interação de modo a preencher as expectativas dos mesmos.

Do *princípio da cooperação*, o filósofo estabeleceu a convenção de regras e sub-regras que foram reunidas em quatro categorias, as quais, se atendidas, seriam a garantia de que o falante está sendo cooperativo e está operando de forma direta ao que está sendo solicitado na interação, ou seja, seus enunciados oferecem material linguístico explícito para que o ouvinte interprete seu dizer:

- 1) Máxima da Quantidade: está relacionada à quantidade de informação que é fornecida. O falante deve fornecer informações de acordo com o que é requerido procurando preencher as expectativas do ouvinte.
- 2) Máxima da Qualidade: está relacionada à veracidade das informações. O falante não deve dizer coisas que sejam falsas, ou que não possam ser provadas por evidências.

- 3) Máxima da Relação: está relacionada à relevância. O falante deve orientar suas contribuições para que sejam pertinentes aos objetivos propostos na interação. Devem ser evitados argumentos óbvios e evasivos.
- 4) Máxima do Modo: diz respeito ao modo como devem ser veiculadas as informações. O falante deve se comunicar com clareza evitando ambiguidades, desorganização e obscuridade em seus argumentos.

Quando essas máximas são atendidas, ocorre o que Grice denominou de *implicaturas convencionais*, ou seja, o ouvinte buscará, no próprio enunciado, pistas que o encaminharão para uma propositura de interpretação. De modo oposto, também segundo a denominação de Grice, temos as *implicaturas conversacionais*, em que a comunicação não é expressa de forma convencional, isto é, no enunciado não se encontra explicitamente formulado o que se quer comunicar.

Dessa forma, caberá ao ouvinte a capacidade de interpretar o que está implícito, ou seja, terá que fazer as inferências necessárias para deduzir a intenção do falante através de elementos contextuais e de pressupostos compartilhados entre falante e ouvinte, estando estes engajados na troca e familiarizados com as crenças, hábitos e práticas um do outro. A violação das máximas não pressupõe que o falante não esteja cooperando, pelo contrário, suscitará mais empenho do ouvinte em inferir o que não está dito ou apresentado explicitamente pelo material linguístico, mas está sendo comunicado.

Com relação às *máximas conversacionais* de Grice, depreendemos que a conversação tem seus próprios mecanismos de coerência, pois o não cumprimento de uma máxima por um falante produz efeitos distintos dos que teria *a priori*. Além disso, as ações dos interactantes são imprevisíveis, por isso eles podem desviar-se intencionalmente dos tópicos.

A partir disso, convém salientar, segundo a concepção de Grice, que embora possa parecer que “aquele que diz” tem um papel preponderante na conversação, “o que ouve” também tem papel fundamental, pois a ele caberá o papel de desvelar os subentendidos no dito.

5 Análise dos dados

5.1 Construções com tema marcado introduzidas por expressões

Nesse tipo de construção, o falante se vale de expressões como *quanto a...*, *no tocante a...*, *no que diz respeito a...*, *com referência a...*, *por falar em...*, *a propósito de...*, entre outras, para introduzir o tema que deseja focalizar. Koch (2006, p. 361) salienta que esse tipo de construção é comum às modalidades oral e escrita, sendo mais frequente na comunicação mais formal. A autora menciona, também, que a gramática tradicional descreve esse tipo de construção como anteposição do adjunto adverbial de assunto. Vale dizer que essas construções foram bastante recorrentes no *corpus* sob análise.

Alckmin: olha Gabi ah:: o PSDB é um bom partido né:: ahn:: no Brasil mudou o país... aliás como o presidente Fernando Henrique com o real com a estabilidade da moeda... São Paulo... nós estamos no quinto mandato tucano ah:: com o Mário Covas... com o Serra... então bom partido bem preparados... o problema é que o Brasil tem trinta partidos... isso vai destruir a política brasileira... não tem nenhum lugar do mundo que se tenha trinta partidos a caminho de ter trinta e um trinta e dois trinta e três... e cada um que é criado... dinheiro público na veia... né:: recursos públicos nos impostos... então é evidente que nenhum partido no Brasil... ah:: tem solidez... se tem mais uma cultura de personalismo do que uma cultura de partidos programáticos com ideário por isso que nós defendemos uma reforma política pra gente ter três ou quatro grandes partidos com fidelidade com propostas porque os políticos passam né? mas os partidos éh:: permanecem com seu ideário... agora o Fernando Henrique tem razão no seguinte sentido... a política é imprevisibilidade mesmo... quem é que pode prever eleição de dois mil e doze... dois mil e catorze... dois mil e dezesseis mas eu acho que o PSDB é um partido sólido... oito governadores o partido que mais tem governadores em todas as regiões do Brasil do Sul o Paraná... São Paulo e Minas no sudeste:: Goiás no centro-oeste::... Alagoas no nordeste::... são partidos sólidos partidos de bons quadros ah::...mas um quadro de excesso de partidos de multipartidarismo

Gabi: EU POSSO:: ter OUVIDO nessa sua PRIMEIRA resposta e colocação da:: ah:: em relação à criação de novos parTidos e

quanto esses par/partidos custam... eu POSSO ter ouvido uma crítica a essa... a esse novo partido que tá... éh:: fazendo sucesso? o senhor tem que adimiti/tá fazendo sucesso:: pelo menos o que tem de gente se:: éh:: se filiando ao partido que é o PSD do do Kassab? tá criticando? é isso?

Alckmin: olha Gabi:: NÃO:: por QUÊ? porque se não existisse o PSD não seriam trinta seriam vinte e nove... tanto faz... então não é este partido especificamente mas... (DE FRENTE..., 2011).

No excerto acima, observamos que o governador Alckmin vinha desenvolvendo o tópico “atributos positivos do partido PSDB” e introduz o tópico “crítica ao excesso de partidos políticos no Brasil” (*o problema é que o Brasil tem trinta partidos... isso vai destruir a política brasileira*). A entrevistadora aproveita o ensejo e introduz o tópico “criação de novos partidos”, por meio da expressão “em relação à” (*em relação à criação de novos parTldos e quanto esses par/partidos custam... eu POSSO ter ouvido uma crítica a essa... a esse novo partido que tá... éh:: fazendo sucesso?*) para perguntar se o entrevistado estaria, implicitamente, fazendo uma crítica ao novo partido do PSD criado por Gilberto Kassab.

Ao iniciar seu turno, a entrevistadora faz referência a uma fala do entrevistado como forma de contextualizar o tópico que pretende tratar e colocar em relevo. Essa necessidade de contextualização, na visão de Galembeck (2006, p. 142) “evidencia que a interação é administrada passo a passo e que as ações dos interlocutores são imprevisíveis, pois o locutor não pode prever as reações dos parceiros, nem estes sabem o que será dito pelo interlocutor”.

Observamos, então, nesse ponto, a estratégia realizada pela entrevistadora para levar o entrevistado a desenvolver o tópico que deseja focalizar. Ela introduz um assunto que pode vir a comprometer sua imagem pública e a de seu próprio partido, ou seja, ela o conduz a falar sobre o potencial de seu principal adversário na disputa eleitoral, o PSD. A veemência na focalização desse tópico por parte da entrevistadora é percebida, também, no momento em que solicita do entrevistado a confirmação de que seu adversário estaria fazendo sucesso (*o senhor tem que adimiti/tá fazendo sucesso*).

Gabi: tamo falando São Paulo... tamo falando:: olha inclusive ontem tava no radar *on-line* da Veja uma ah::: vamos dizer... Aluísio Nunes traduzindo o que o Serra éh::... disse quando

defendeu uma aliança com PSD do Gilberto Kassab e Guilherme Afif... que pra ele Aluísio Nunes Ferreira o PSD o PSDB tem a mesma base de eleitores que não votam no PT e que seria um suicídio fragmentar essa força ele diz mais... qual vai ser o nosso discurso se formos pra disputa com o PSD... nós vamos criticar o projeto começado pelo PSDB não faz nenhum sentido

Alckmin: olha ah:: Marília Gabriela em relação a candidaturas é natural que o PSDB éh:: queria ter candidato na MAIOR cidade do Brasil... terceira cidade do mundo... PSDB teve candidato em oitenta e oito foi o Serra o PSDB teve candidato em noventa e dois foi o Fábio Feldmann o PSDB teve candidato em noventa e seis foi o Serra de novo o PSDB teve candidato no ano dois mil fui eu o PSDB teve candidato em dois mil e quatro foi o Serra de novo então na realidade o PSDB sem/na última eleição eu fui candidato... o PSDB sempre teve candidato porque é natural que o partido político ainda mais no primeiro turno ele queira ter candidato a prefeito isso não inviabiliza alianças... cê pode fazer alianças no primeiro turno que é o que nós defendemos com quem aliança? com aliança vencedora aqui em São Paulo que nós já fizemos na eleição passada né:: nós temos no governo o PPS temos do governo o/os democratas temos ah:: o PTB o PV ah::... o PSD ótimo se a gente conseguir fazer aliança... agora isso é pro ano que vem que que nós devemos primeiro definir... quem é o nosso candidato (DE FRENTE..., 2011).

Após o comentário da entrevistadora acerca de uma possível aliança do PSDB ao PSD (partido adversário ao PSDB), o entrevistado dá prosseguimento ao tópico “candidaturas”, que é introduzido por meio da expressão “em relação a” (em relação a candidaturas). Cabe observar que, na fala de Alckmin, houve a violação da *máxima da relação*, pois sua resposta não focaliza, exatamente, o tópico proposto por Gabi, “aliança com o PSD”, por se tratar de um tema que talvez não queira adentrar. Ao contrário do que é esperado, fala de alianças de uma forma genérica e faz uma retrospectiva, mencionando os prefeitos que se elegeram na cidade de São Paulo pelo PSDB.

A máxima de relação, como postula Fiorin (2016, p. 44), “rege a coerência da troca verbal, o encadeamento dos assuntos, a maneira de mudar a matéria da conversação [...] é essa máxima que obriga à realização de determinados atos de fala em certas situações de comunicação”.

Alckmin: foi foi o deputado mais votado e não só o Bruno o André Matarazzo um grande nome o Zé Anibal é um grande líder o Ricardo Tripoli como é que se deve escolher um grande candidato? abre pra ah:: a maior participação... eu tava nos Estados Unidos Gabi... em dois mil e sete quando começou a primária... ah... no partido democrata a Hillary Clinton e o Obama... então o que que se dizia lá um ano e meio antes?... já tá escolhida a a Hillary Clinton é o *Stablishment* é a esposa do do Bill Clinton é senadora por Nova Iorque agora começou a primária e começaram os debates os temas... o quadro mudou totalmente e quando acabou a primária a campanha do Obama já tava pronta então eu defendo essa maior democracia interna porque ao invés de você escolher candidato no bolso do colete você deixa que o partido se manifeste... os filiados... vinte mil trinta mil ouça a sociedade... permita o debate... ontem à noite teve um debate importante entre os quatro éh:: pré-candidatos... discuta os temas da cidade pra isso que tem campanha eleitoral
 Gabi: VOLTANDO ao Bruno Covas que ME parece é o seu favorito (DE FRENTE..., 2011).

No exemplo acima, Alckmin desvia-se da centração tópica, pois, anteriormente, os interlocutores vinham discorrendo sobre a possibilidade de Bruno Covas ser o principal candidato à prefeitura de São Paulo. Ele introduz um novo tópico ao defender que a escolha dos candidatos deve partir de uma discussão interna do partido e não de um favoritismo pessoal. Percebendo a violação do entrevistado à *máxima da relação*, a entrevistadora retoma o tópico “Bruno Cavas” por meio da expressão “*voltando ao*” (*VOLTANDO ao Bruno Covas*)

Gabi: ((risos)) então eu aqui na minha ansiedade antes de terminar esse bloco queria colocar uma pergunta e eu JURO que não tem maldade por trás só uma grande ignorância... éh:: falando ainda em eleição municipal né::: o PT ao que tudo indica tá se encaminhando pra ter como candidato o ministro da educação Fernando Haddad... eu gostaria de saber do senhor e eu JURO que é uma curiosidade genuína éh::: o senhor que entende o raciocínio político qual é o que existe por trás dessa candidatura?... porque eu num::: hum::: não consigo entender (DE FRENTE..., 2011).

Nesse excerto acima, a entrevistadora parece ter intenção de manter a continuidade no tópico “eleição municipal” por meio da expressão “*falando ainda*” (*falando ainda em eleição municipal né*), no entanto, percebe-se que esse enunciado foi utilizado como prefácio para adentrar no tópico “candidato do PT, Fernando Haddad à prefeitura de São Paulo”.

Vale ressaltar que, com o objetivo de evitar uma possível reação negativa do interlocutor, a entrevistadora antecede a introdução do novo tópico com o enunciado (*eu JURO que não tem maldade por trás só uma grande ignorância*). Assim, ela salvaguarda sua imagem positiva diante da possibilidade de sua pergunta ser interpretada como artilosa.

5.2 Construções com tema marcado com elementos de retomada

Nessas construções, um termo com função sintática definida, que ocuparia a ordem canônica na oração, é deslocado à esquerda e, posteriormente, sua presença é confirmada por um pronome ou sintagma nominal.

Gabi: chuchu:: esse apelido que lhe puseram... picolé de chuchu:: tal... e o chuchu com PIMENTA me parece que foi uma autodenominação agora::... é verdade... não? (DE FRENTE..., 2011).

A entrevistadora dá ênfase ao elemento “chuchu”, pois pretende manter o tópico “apelido do governador”, que havia sido introduzido na primeira pergunta da entrevista. Com isso, ela visa a esclarecer o porquê do apelido “chuchu com pimenta” dado ao entrevistado. Esse elemento, que exerce a função sintática de complemento nominal do termo “apelido”, é deslocado à esquerda do enunciado e depois é retomado pelo pronome demonstrativo “esse”.

Gabi: tá bom... governador com tanto debate político o senhor encontra TEMPO pra governar? é uma pergunta éh::: qual é a maior dor de cabeça do governador de São Paulo HOJE?
Alckmin: olha... muito tempo... eu tiro o meu tempo com política:: questões partidárias é mínimo mas mínimo noventa e nove por cento do meu tempo é tarefa administrativa... quais são os grandes desafios? né::: éh::: hoje... o que nós vivemos? primeiro saúde... quer dizer essa é uma preocupação... hoje tem uma boa notícia... a

população tá vivendo mais e vivendo melhor... quer dizer mudou o perfil demográfico do mundo nessas últimas décadas mas tem custo... você tem um trabalho permanente de poder oferecer através do SUS o padrão de medicina que São Paulo tem hoje que conquistou de melhores centros do mundo você poder expandir isso pra toda população... segurança é uma tare/é uma guerra... você tem que vencer batalha TODO dia vinte e quatro horas ah:: trabalhando São Paulo saiu de um índice de homicídios de quase trinta e cinco por cem mil habitantes para NOVE vírgula oito mas se tem muito problema de roubo de assalto... então uma luta incessante... educação o quadro econômico nós vivemos uma incerteza econômica mundial... qual o reflexo disso no Brasil? (DE FRENTE..., 2011).

No fragmento acima, a entrevistadora introduz o tópico “tempo para governar” por meio de uma pergunta fechada ou de confirmação/negação, isto é, perguntas de sim ou não (*o senhor tem tempo para governar?*). O entrevistado a responde, atendendo ao tópico proposto e, a seguir, introduz quatro tópicos: “saúde”, “segurança” “educação” e “quadro econômico”, dos quais dois são introduzidos por meio de temas marcados. São eles: “saúde”, retomado pelo pronome (*essa*); e “quadro econômico”, que é retomado pelo sintagma nominal (*uma incerteza econômica*) e pelo pronome “disso” (combinação da preposição “de” com o pronome demonstrativo “isso”).

Vale observar que o entrevistado viola a *máxima da quantidade*, ou seja, acrescenta informações que não são requeridas na pergunta, deixando clara sua intenção em apontar as benfeitorias realizadas em seu governo nas áreas consideradas críticas: saúde, segurança e educação. É importante evidenciar que a violação dessa máxima opera como um recurso argumentativo, pois, em conformidade com Fiorin (2016, p. 43), “certas sequências, em princípio não informativas, porque de conhecimento geral, tornam-se informativas, quando servem de base para a construção de um argumento”.

5.3 Construção com tema marcado sem retomadas pronominais

Nessa construção, os elementos tematizados não são retomados por pronomes, isto é, ocorrem elipses (categorias vazias), “mas em que a função sintática do elemento tematizado, no interior do enunciado na ordem não marcada, seria, em geral, bem definida” (KOCH, 2006, p. 363).

Várias construções desse tipo são utilizadas para enfatizar alguns elementos do quadro tópico ou para reativá-los na memória do interlocutor. No *corpus*, poucas foram as ocorrências que assumiram a finalidade de introduzir, manter ou retomar tópicos. No exemplo a seguir, há uma ocorrência em que o elemento tematizado, não retomado por pronome, assume a função de retomar um novo tópico:

Gabi: o senhor bebe?

Alckmin: muito pouco

Gabi: o quê?

Alckmin: ah:: vinho tinto né:: que hoje éh: passou pra classe de remédios né? ((risos))

Gabi: então como remédio é uma taça por dia? (DE FRENTE..., 2011).

No trecho acima, os interlocutores desenvolviam o tópico “bebida alcoólica”. O entrevistado responde à pergunta feita pela entrevistadora (*o quê?*), introduzindo o subtópico “vinho tinto”. Esse sintagma nominal não é retomado por pronome nos enunciados subsequentes, mas sua função sintática (sujeito) fica bem definida, propiciando a retomada tópica: (*ah:: vinho tinto né:: que hoje éh (0) passou pra classe de remédios né?*) e (*então como remédio(0) é uma taça por dia?*).

6 Considerações Finais

Tendo em vista a situação de interação, os papéis que representam os interlocutores e os propósitos comunicativos que almejam alcançar, procuramos evidenciar de que forma cada um dos participantes tenta monitorar o foco temático no desenrolar do evento conversacional, visando a uma boa performance para o público telespectador.

Embora haja um planejamento da pauta da entrevista e a abordagem de alguns tópicos já tenha sido previamente definida, mesmo que o entrevistado não vá totalmente despreparado para a entrevista, não há a possibilidade de total controle acerca do quadro tópico. Isso porque o texto conversacional comporta uma parcela de imprevisibilidade em que cada um dos interlocutores, de posse da palavra, vai projetando um novo foco temático, desencadeando, assim, os tópicos que se sucedem.

Observa-se que há um jogo de forças em que cada um dos envolvidos na troca conversacional pretende administrar a sequência

tópica, engendrando seu discurso de forma a alcançar seus objetivos. No caso da entrevistadora, os tópicos foram introduzidos, retomados e focalizados por meio de elementos tematizados, na tentativa de evidenciar assuntos que despertassem maior interesse do público. O entrevistado, por sua vez, empregou estruturas de tematização e máximas conversacionais, no sentido de projetar os tópicos de modo a preservar sua imagem positiva e a de seu partido, desviando-se dos temas desfavoráveis e salientando os que mais atendiam a seus propósitos: aceitação de suas colocações e adesão dos ouvintes, com vistas a conseguir maior número de eleitores.

Referências

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press. 1983. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511805226>.

BURGO, V. H.; FERREIRA, E. F. Procedimentos que indicam menor grau de envolvimento do falante em entrevistas. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 367-382, 1. sem. 2011.

DE FRENTE com Gabi. Direção: Maria Helena Amaral. Produção: Márcia Mello. São Paulo: Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, 2011. 1 DVD (43 min).

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto. 2016.

GALEMBECK, P. T. Correlação entre descontinuidade tópica e alternância de tipos textuais em programas de entrevistas e debates. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 135-142, jul. 2006. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1549/0>. Acesso em: 24 jun. 2014.

GALEMBECK, P. T. O tópico em textos falados e escritos. *Cadernos do CNLF – Livro de Minicursos e Oficinas*, Rio de Janeiro, v. XVI, n. 3, p. 100-108, 2012. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/min_ofic/11.pdf. Acesso em: 18 out. 2015.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. *In: DASCAL, M. (org.). Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: Unicamp, 1982. v. 4.

HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Arnold, 1994.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. *In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). Gramática do Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 89-132.

KOCH, I. G. V. Tematização e rematização. *In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). Gramática do Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 359-379.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007. v. 82. (Série Princípios).

PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010. v. 1, p. 13-14.

Recebido em: 16 de setembro de 2018.

Aprovado em: 13 de fevereiro de 2019.